

Que país é este? O plano Brasil Novo (Collor) aos olhos de um cidadão

Luiz Fernando do Nascimento¹

A transição do governo

Eu era jovem demais para compreender o que se passava. A partir da narrativa de Paulo, nosso entrevistado, buscarei trazer alguma luz a um dos períodos mais estapafúrdios da história contemporânea brasileira.

O ano é 1990. O cenário político-econômico brasileiro não era nada favorável. Visando o combate à hiperinflação, que no ano de 1989 alcançou o percentual de 1782,9% ao ano, o governo Sarney fracassava em sua quarta tentativa de trazer alguma estabilidade ao país (Exame, 2023).

Diante do congelamento de preços adotado pelo governo, houve boicote à produção e comercialização de bens de toda a espécie. Por consequência, a população enfrentou séria escassez de produtos básicos, tais como carne, leite e demais componentes da cesta básica. Os valores devidos a título de dívida externa eram cada vez mais exorbitantes. Mais de quarenta por cento vivia em situação de pobreza (43,8%). Em um Estado inchado (cerca de 965.000 servidores) e repleto de estatais de todo o tipo e para todo o gosto, os serviços públicos encontravam-se à beira de um colapso (Brasil, 2025; Lopez, Guedes, 2025). Casos de corrupção “pipocavam” a todo instante, sendo o grande desafio do novo governo era trazer alguma estabilidade ao país (Imagens 1 e 2).

Imagem 1 – Estabelecimento fechado pela SUNAB



Fonte: Guia do Estudante – Abril

Imagem 2 – Manchete do Jornal da Tarde - 1988



Fonte: Senado Federal

Após uma das campanhas eleitorais mais movimentadas da história da democracia brasileira, a de 1989, primeira realizada de forma direta após o fim do regime militar, é eleito presidente o então Governador do Estado de Alagoas Fernando Afonso Collor de Mello. Desbancando nomes bastante conhecidos pela população, tais como Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva e Mário Covas, o ilustre desconhecido de discurso afiado, auto intitulado

¹ Entrevista realizada em Maringá/PR, em 28 de maio de 2025 com Paulo Manoel do Nascimento. A atividade foi desenvolvida a partir da disciplina Biografia e História Pública, ministrada no primeiro semestre pelo professor Frank Antonio Mezzomo, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Pública da Unespar/Campo Mourão.

“defensor dos descamisados e pés descalços” e que explorava todos os medos e anseios da população da época, inicia os preparativos para sua posse marcada para o dia 15 de março de 1990 (Imagens 3 e 4).

Imagem 3 – Campanha presidencial de 1989



Fonte: Jornal Zero Hora

Imagem 4 – Vitória de Fernando Collor



Fonte: Brasil Escola

A partir da abordagem histórica de relatos sobre uma história individual, entendemos, acompanhando (2010, p. 157-158) que a “historiografia experimentou, nas últimas décadas, uma série de retornos. Os historiadores voltaram a se preocupar com a narrativa, viram ressurgir o acontecimento e experimentaram a renovação da História Política, outrora identificada a uma certa noção de história historicizante”.

Tomando esta perspectiva como premissa, procuramos realizar uma releitura desse momento histórico no Brasil, tomando por base a trajetória biográfica de Paulo, entendendo-a como uma possibilidade de compreensão das experiências vivenciadas por uma classe de cidadãos.

Paulo, que, à época, era morador do subúrbio paulistano, arrimo de família e pai de três filhos. Seu projeto pessoal de transição profissional havia se iniciado há pouco, com um pedido de demissão de seu posto de mecânico em uma das maiores empresas do Brasil no ramo de transporte coletivo municipal da época. Objetivava o início de um novo ciclo, a partir da nova carreira escolhida: a advocacia.

Filho homem mais novo de uma família de sete irmãos, Paulo passa à condição de provedor da casa após o falecimento de seu pai. Buscando novas oportunidades, assim como diversas outras pessoas oriundas de todas as partes do país, migra de Paranavaí/PR para a cidade de São Paulo onde é admitido, inicialmente, em uma tecelagem. Após concluir o Ensino Médio, via Supletivo, inicia o curso de Mecânico no Serviço Nacional da Indústria (Senai), ingressando posteriormente na Companhia Municipal de Transportes Coletivos de São Paulo (CMTC), local onde trabalhou por cerca de 10 anos exercendo a função aprendida. Após breve atuação no Sindicato de Trabalhadores da categoria, passa a se interessar pelas leis, ingressando no curso de Direito da então Faculdade Braz Cubas, situada em Mogi das Cruzes/SP. Em meados de 1989, ao findar os estudos universitários, pede demissão para, com as economias advindas de sua rescisão, iniciar suas atividades na advocacia, associando-se a alguns colegas de turma. Com o escritório recém montado na Avenida Ipiranga, quase na esquina com a Avenida Rio Branco, região central de São Paulo, iniciava uma nova caminhada profissional.

Durante a entrevista, indaguei Paulo sobre suas impressões sobre o governo que recém-eleito. Apesar de não ter votado no presidente eleito, comentou que havia esperança de dias melhores, uma vez que os primeiros atos do novo presidente pareciam estar de acordo com as propostas de campanha apresentadas e, aparentemente, demonstravam a preocupação do novo líder do executivo nacional em solucionar definitivamente as mazelas que assolavam o país.

Chega então o grande dia: 15 de março de 1990. Em clima de comício, o presidente eleito recebe a faixa presidencial de seu antecessor, José Sarney e dirige-se ao parlatório, localizado à frente do Palácio do Planalto, em Brasília/DF, onde é recebido por uma multidão de milhares de pessoas. Promove um discurso inflamado em que trata sobre a reconstrução do país, levando a população a acreditar que a partir dali se iniciaria um novo Brasil (Imagens 5 e 6).

Imagem 5 – Posse de Fernando Collor



Fonte: Jornal O Globo

Imagem 6 – Discurso no Parlatório



Fonte: Jornal O Globo

Em seus primeiros atos do governo, o novo mandante promove um primeiro esboço de enxugamento da máquina pública. Com a edição das primeiras cinco Medidas Provisórias e quatro decretos, abriu caminho à venda de imóveis funcionais, carros e aviões estatais. Autorizou a extinção de cargos de confiança e a demissão de servidores públicos. Extinguiu o famigerado Serviço Nacional de Informação (SNI), principal órgão de vigilância e repressão da ditadura militar brasileira. Realizou sua primeira reforma administrativa, reduzindo o número de ministérios para doze (Fundação Getúlio Vargas, 2025; Brasil, 1990).

Tudo parecia caminhar para um final feliz, mas uma questão intrigava Paulo e muitos brasileiros: no dia 13 de março, o governo Sarney decreta, a pedido da nova equipe econômica indicada pelo presidente eleito, um feriado bancário de três dias. Em tempos em que toda e qualquer transação bancária só podia ser efetuada diretamente nas agências (sim, não havia internet), aqueles que possuíam valores depositados ficaram impedidos de movimentar suas economias durante o período. Parafraseando Shakespeare em frase célebre utilizada em sua peça mais famosa, podemos dizer: “Havia algo de podre no reino do Brasil”.

O dia D

Na manhã no dia 16 de março de 1990, é anunciado o chamado Plano Brasil Novo, composto por uma série de medidas provisórias que previam nova troca da moeda, congelamento de preços e salários por 45 dias, aumento de tarifas. Através de medidas provisórias, foram extintos 24 órgãos públicos, dentre autarquias, sociedades de economia

mista e empresas públicas. As medidas propuseram, ainda, a redução e controle austero de gastos, promovendo a demissão de servidores e a proibição de acumulação de cargos públicos. Foram realizados cortes de incentivos e subsídios fiscais de diversos setores, aumento do IPI e criação do IOF. Por fim, foi editada medida provisória específica visando facilitar o acesso a produtos importados.

Permanece no ar a inquietação decorrente do fechamento dos bancos. A tensão de Paulo, certamente de milhares de brasileiros, não dimensionava o impacto da medida. O que esperar? A preocupação era cada vez maior, visto que, na ida ao banco realizada na semana anterior, nosso entrevistado havia sido alertado por um dos funcionários da Caixa Econômica Federal sobre a existência de rumores sobre o bloqueio de valores existentes em aplicações bancárias. Diante da situação, as economias de sua rescisão e que garantiriam tranquilidade financeira suficiente para a transição profissional, até então aplicadas no *Overnight* (espécie de transação que rendia juros diários e protegia os valores aplicados da desvalorização) foram transferidas para a caderneta de poupança. Considerando o discurso adotado pelo candidato eleito durante sua campanha e por se tratar de uma espécie de aplicação quase “sagrada”, a mudança realizada seria a garantia de que suas economias estariam a salvo de qualquer intervenção estatal.

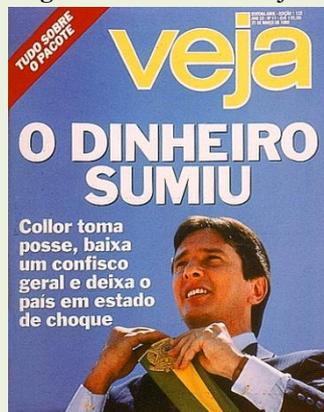
Contudo, o pior acaba acontecendo. Diante da inflação galopante que assolava o país e por não ter o aumento da taxa de juros surtido o efeito esperado, a equipe econômica recém nomeada opta pela retirada de dinheiro do sistema financeiro. De fato, a intenção primeira era o bloqueio de valores aplicados no *Overnight*. Mas, à medida que o plano amadurecia, questionava-se se bloquear somente esses valores seria o suficiente para resolver o problema. O fato foi que, a versão final do Plano acabou incluindo CDB's, contas-correntes e, por fim, a poupança. E, desta forma, foi anunciado o plano ao povo brasileiro: a então responsável pela pasta econômica, Zélia Cardoso de Melo, informa que valores que superassem a quantia de 50.000 cruzados novos permaneceriam “aplicados” compulsoriamente por 18 meses. Ao término do período, os valores seriam restituídos aos seus donos, que, além do valor aplicado, já devidamente convertido para a nova moeda (cruzeiro), receberiam 6% ao ano mais a inflação da época. Com a medida, cerca de 80% do dinheiro na custódia dos bancos saiu de circulação (Imagens 7, 8 e 9).

Imagem 7 – Manchete de jornal



Fonte: Jornal O Estadão

Imagem 8 – Manchete de jornal



Fonte: Revista Veja

Imagem 9 – Manchete de jornal



Fonte: UOL

Paulo relata o desespero ao ter ciência da notícia. Todo o planejamento anteriormente realizado necessitava dos valores poupados durante toda uma vida para efetiva execução. E, como em um passe de mágica, simplesmente não se encontravam mais disponíveis. O que fazer diante daquele cenário? Palavras dele: “Pra mim, foi a pior fase da minha vida. Eu não conseguia nem raciocinar.”

Nestas circunstâncias, em um cenário de verdadeiro caos, fez-se necessário refazer planos e traçar novas metas, o mais rápido possível.

Os dias e meses seguintes

Querendo ou não, o golpe havia sido desferido. Tentando raciocinar com mais calma, concluiu que a primeira medida seria a ida até o banco na segunda-feira seguinte, para retirada dos valores não bloqueados. Ao dirigir-se à agência bancária, depara-se com o caos instaurado: o saque destes valores não seria possível. Os bancos não estavam preparados para tamanha demanda e, simplesmente, não havia dinheiro para pagar a todos. Lembra-se que, diante do desespero do momento, chegou a cogitar uma invasão forçada ao banco para retirada dos valores que lhe eram devidos, mas o impulso explosivo não passou de sua fase inicial (Imagens 10 e 11).

Imagem 10 – Filas nos bancos: Bradesco



Fonte: Jornal O Globo

Imagem 11 – Filas nos bancos



Fonte: Infomoney

Para suprir as necessidades de sua família, àquela altura composta por ele, sua esposa e três filhos, sendo um menino de nove anos e duas meninas, uma de sete e outra de cinco anos, contou com o auxílio de um sobrinho que, proprietário de um minimercado na cidade de Arujá/SP e preocupado com a situação do tio, separou itens suficientes para alguns meses de consumo e trouxe à sua casa.

O próximo passo era a reorganização profissional: diante da indisponibilidade de valores para manutenção do escritório recém montado, o plano inicial foi deixado para trás. Ao contrário de seus outros sócios, para quem a advocacia seria uma segunda renda, Paulo não podia se arriscar em uma nova atividade de retorno financeiro incerto. Assim, a contragosto, a solução imediata mais plausível seria o retorno a sua antiga atividade de mecânico diesel. Por não ser o retorno à antiga empresa uma opção, por vários dias saiu a pé pela manhã e retornando à tarde, perambulando pela pauliceia em busca de uma nova colocação.

A jornada em busca de um novo emprego foi longa e bastante dura. Diante das circunstâncias, empresas faliram ou tiveram que reduzir sua capacidade para sobreviver, o que gerou imediatamente um aumento considerável na taxa de desemprego no país. Nada obstante, os salários abaixaram consideravelmente e, ao contrário, o custo de vida subiu na mesma proporção. Vale ainda lembrar que Paulo, nessa época, contava com 41 anos, dificultando sua recolocação no mercado de trabalho. Ele relata que, diante de tantas tentativas frustradas, passou a desacreditar na possibilidade de encontrar uma nova ocupação. Por vezes, visualizava as placas na frente das empresas, ficava por alguns minutos, mas acabava não entrando, diante do trauma oriundo de tantas frustrações anteriores.

Nos meses seguintes, o governo dava continuidade ao plano inicial: privatizações, demissão de servidores, redução do valor real do salário mínimo. As perspectivas pareciam deteriorar-se cada vez mais e nosso personagem ainda em busca de emprego.

Após quatro meses, consegue uma oportunidade de trabalho em oficina de beira de estrada, sem muita estrutura, conhecida popularmente dentre os mecânicos como “boca de porco”. Diante do retorno da inflação do receio em utilizar o sistema bancário, na sexta-feira de cada semana aguardavam todos a chegada do patrão com dinheiro em espécie, para receber o valor do salário semanal e comprar mantimentos para a casa.

A essa altura, a esperança de dias melhores já tinha se esvaído. Diante das adversidades, Paulo refazia seus planos, focado em encontrar soluções. Todavia, vários foram os relatos de pessoas que, em desespero, jogavam seus carros contra as agências bancárias na tentativa de reaver os valores bloqueados e até mesmo de casos de interrupção abrupta de projetos de vida (e da própria vida). Ante os juros pagos pelos bancos nas aplicações existentes, era comum a venda de propriedades para realizar este tipo de operação. Com o bloqueio dos valores, muitos se desesperaram e, sem saber o que fazer, optaram em por fim à jornada, em definitivo.

Os dias se passaram. A melhoria da conjuntura político-econômica esperada não chegava. Apesar da sensação inicial de restabelecimento do protagonismo do Poder Executivo, reforçada por ampla cobertura da mídia sobre as atividades do presidente, quer na vida pública, referente ao trato com os demais membros de sua equipe, quer em sua vida privada, onde era divulgada a imagem de um líder jovem, determinado e com coragem de fazer o que era necessário, os sucessivos erros e inconstitucionalidades praticados pelo governo minavam aos poucos a sua credibilidade. Greves se iniciavam por todo o país, reivindicando a recomposição do valor dos salários (Imagens 12 e 13).

Imagem 12 – Greve dos bancários em 1991



Fonte: Folha/UOL

Imagem 13 – Greve de transporte coletivo no Rio de Janeiro em 1991



Fonte: Jornal O Globo

Decorrido o prazo inicialmente fixado para bloqueio dos valores depositados, foram este restituídos aos seus donos. As correções e juros aplicados não lhe conservaram o valor inicial, e a quantia inicialmente aplicada, suficiente à compra de um veículo seminovo à época, foi suficiente apenas para compra de quatro pneus para seu carro usado, que foi colocado à venda para cobrir despesas.

Por fim, Paulo desfaz-se de sua casa, rumando de volta para o Paraná e iniciando, mesmo que contrariamente à sua vontade, uma nova fase em sua vida. O campo de possibilidades tragava parcialmente seu projeto de vida.

Desfecho

No último ano, fui admitido como aluno no Programa de Mestrado Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), onde, por convite (convocação) de meu orientador e professor da disciplina, tive privilégio do primeiro contato com noções de biografia, entrevista e história pública, disciplina vinculada ao Programa de Mestrado em História Pública, mantido pela mesma universidade.

Quando sugerida a realização de entrevista para posterior transcrição e redação de um texto, aproveitei o ensejo para esclarecer algumas dúvidas sobre a história de vida e os motivos que levaram o homem a quem tenho a honra de chamar de pai, Dr. Paulo Manoel do Nascimento, a sair da cidade de São Paulo/SP rumo ao interior do Paraná, onde residimos até os dias atuais.

Através desse texto, elaborado a partir de entrevista realizada com Paulo sobre o período, é possível explicitar a realidade experimentada por muitos brasileiros que viveram à época, cujos sonhos foram interrompidos ou mesmo violentamente transformados a partir da implementação do plano econômico, caracterizando-se, a partir da sociedade complexa, como um acontecimento que, além dos efeitos desejados, abalou valores culturais, normas de convivência e o funcionamento das instituições e pôs em evidência conflitos existentes na sociedade brasileira, contrastando a promessa de progresso e oportunidade com decisões autoritárias e inesperadas.

Ainda, considerando conceito cunhado por Gilberto Velho (1994, p. 47), em que afirma que a “viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza dinâmica do *campo das possibilidades*”, em circunstâncias onde os projetos individuais são afetados diretamente, este (o campo de possibilidades) resta drasticamente alterado, demonstrando como decisões oriundas de um centro de poder podem atingir o ser humano e como a escolha de representantes em uma eleição pode afetar diretamente a vida do cidadão, evidenciando a importância dos critérios utilizados no processo de escolha.

Nos dias atuais, Paulo encontra-se aposentado e residindo na cidade de Maringá/PR. O sonho, na ocasião postergado, realizou-se. Tornou-se advogado e conseguiu dar a sua família uma vida digna. As soluções adotadas, equivocadas ou não, deram resultado, e hoje permitem concluir que experiências adversas e dolorosas podem servir de impulso em busca de novos caminhos, permitindo que a última frase dita na entrevista seja a seguinte: “Apesar de tudo, hoje me sinto realizado”.

Hoje, aos quarenta e três anos de idade, já não sou tão jovem. Mas acredito ter entendido o que se passou. E agradeço.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Campanha presidencial 1989. Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/02/deja-vu-eleitoral-as-semelhancas-e-diferencas-entre-1989-e-2018-cjdys12ig00jb01qx6htaf2qw.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Discurso no Parlatório. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/de-collor-temer-relembre-as-cerimonias-de-posse-dos-presidentes-23336188>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Estabelecimento fechado pela SUNAB. Disponível em

<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/inflacao-descontrolada-entenda-o-que-foi-o-plano-cruzado/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Filas nos bancos: Bradesco. Disponível em:

<https://www.infomoney.com.br/economia/plano-collor-maior-trauma-financeiro-vivido-pelo-brasil-completa-35-anos/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Filas nos bancos. Disponível em <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2025/03/como-plano-collor-confiscou-dinheiro-da-classe-media-e-afundou-economia.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Greve dos bancários em 1991. Disponível em

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/documentario-sobre-greve-de-bancarios-de-1991-compara-bolsonaro-a-collor.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Greve de transporte coletivo no Rio de Janeiro em 1991. Disponível em

<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/greves-gerais-no-brasil-21264476>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Manchete de jornal. Disponível em

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/12/o-que-foi-o-plano-collor-citado-por-global-em-discussao-com-ex-presidente.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Manchete de jornal. Disponível em <https://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,plano-collor-confiscou-poupanca-e-trocou-moeda,70003234803,0.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Manchete de jornal. Disponível em https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/vinte-motivos-de-collor-para-odiar-a-veja-ou-o-pt-de-antes-e-o-pt-de-agora/#google_vignette. Acesso em: 12 jun. 2025.

Manchete do Jornal da Tarde – 1988. Disponível em

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/231517/PS1988%20-%200599.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Posse de Fernando Collor. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/de-collor-temer-relembre-as-cerimonias-de-posse-dos-presidentes-23336188>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Vitória de Fernando Collor. Disponível em

<https://brasile scola.uol.com.br/historiab/eleicoes-1989.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, p. 157-172, 2010.

BERNARDO, André. Entre infartos, falências e suicídios: os 30 anos do confisco da poupança. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/17/entre-infartos-falencias-e-suicidios-os-30-anos-do-confisco-da-poupanca.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Desenvolvimento econômico social brasileiro na década de 90: uma contribuição ao relatório da Cúpula Mundial para o desenvolvimento social. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14450>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Lei n. 8.028, de 15 de março de 1990. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

DA REDAÇÃO. Melhores e Maiores 50 anos: em 1989, quando os brasileiros passaram a conviver com o Cruzado Novo, a inflação chegou a 1.782%. Disponível em: <https://exame.com/brasil/em-1989-quando-os-brasileiros-passaram-a-conviver-com-o-cruzado-novo-a-inflacao-chegou-a-1-782/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Fundação Getúlio Vargas (FGV). **Atlas Histórico do Brasil - FGV**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/1418>. Acesso em: 12 jun. 2025.

LOPEZ, F.; GUEDES, E. **Três décadas de evolução do funcionalismo público no Brasil (1986-2017)**. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10169/1/td_2579.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

NORONHA, E. G. Ciclo de greves, transição política e estabilização: Brasil, 1978-2007. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 76, p. 119-168, 1 jan. 2009.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar: 1994, p. 31-48.